

Cartografias do impensado: três leituras críticas da obra de Eduardo Lourenço. Entrevista com Francisco Noa, Guilherme D' Oliveira Martins e Eduardo Sterzi

Entrevistadores

Margarida Calafate Ribeiro¹

Universidade de Coimbra (UC) | Coimbra | CBR | PT
margaridacr@ces.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0003-4865-1761>

Roberto Vecchi

Universidade de Bolonha (UNIBO) | Bolonha | BO | IT
roberto.vecchi@unibo.it
<https://orcid.org/0000-0001-5982-0810>

Sabrina Sedlmayer

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
sabrina.sedlmayer@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6606-116X>

A entrevista, realizada pelos professores Margarida Calafate Ribeiro (CES, Portugal); Roberto Vecchi (UNIBO, Itália) e Sabrina Sedlmayer (UFMG, Brasil), teve como propósito convidar três críticos reconhecidos por seus trabalhos acadêmicos acerca da obra do filósofo português Eduardo Lourenço. Procuraram, com o objetivo de explorar visões distintas, espaços geográficos e culturais diferentes: África, Europa e Brasil. Elegeram cinco perguntas idênticas e as dirigiram para a Francisco Noa (Moçambique); Guilherme de Oliveira Martins (Portugal) e Eduardo Sterzi (Brasil). O resultado foi um texto denso e crítico, capaz de revelar chaves de leitura que auxiliarão os leitores a compreenderem a heterodoxia do pensamento do Eduardo Lourenço.

Moçambique: Francisco Noa

Francisco Noa é professor, crítico literário e ensaísta moçambicano, doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa e membro estrangeiro da

¹ Investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais.



Academia das Ciências de Lisboa. Ao longo dos últimos 40 anos, tem lecionado, dentro e fora do país, na área das Ciências Humanas e Sociais, em universidades nacionais (Universidade Eduardo Mondlane, Universidade Pedagógica, ISPU) e estrangeiras (Universidade de Santiago de Compostela, Universidade de Abidjan, Universidade de Montes Claros, Universidade de Coimbra, Universidade de Genebra, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Possui sólida experiência de gestão em instituições de ensino superior em Moçambique, tendo ocupado cargos de vice-reitor no ISCTEM e reitor da Universidade Lúrio. Tem orientado teses de mestrado e doutorado; coordenado e participado de projetos de pesquisa científica em Moçambique e no exterior, com ênfase nos temas das Identidades Culturais, Literatura Moçambicana, Oceano Índico, Colonialidade, Nacionalidade e Transnacionalidade Literária e Ensino Superior. É consultor na gestão da qualidade do ensino, na promoção e avaliação de leitura e escrita, em ações de formação em Comunicação e Liderança para entidades governamentais e empresas, bem como diretor de revistas científicas (*Humanitas*) e culturais (*Proler*). Contribuiu para o desenvolvimento de projetos de criação de bibliotecas comunitárias em Sofala e Manica, além de ser um dinamizador, organizador e divulgador de livros de autores nacionais e estrangeiros. É membro de várias associações internacionais, autor de centenas de artigos e de vários livros publicados em Moçambique, Brasil e Portugal. Em 2014, ganhou o Prémio BCI de Literatura. É autor de *Literatura moçambicana: memória e conflito* (1997); *A escrita infinita* (1998); *Império, mito e miopia* (2002); *A letra, a sombra e a água* (2008); *Memória, cidade e literatura: de São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo*, com Margarida Calafate Ribeiro. Eduardo Lourenço chegou cedo à sua mesa de leitura, em particular nos anos em que estudou em Portugal, fato que contribuiu não só para que melhor entendesse o meio envolvente, como também foi uma leitura importante para melhor interpretar as relações dos portugueses consigo próprios, bem como com os povos que colonizaram, com destaque para os africanos. Além das muitas reflexões que têm desenvolvido sobre a literatura e a sociedade moçambicana, Francisco Noa tem sido também, e de forma sistemática, interpelativo e problematizador da mitologia e do imaginário colonial português, que têm tido seus prolongamentos, na atualidade, de formas diversas. O seu brilhante ensaio *Império, mito e miopia*, de 2002, que saiu também no Brasil, em 2015, está prestes a ser publicado, de novo, pela Caminho, em 2025, exemplo da fecundidade deste trabalho.

Como definiria, em palavras ou imagens, o pensamento de Eduardo Lourenço?

Original, profundo, corajoso e de uma sofisticação que não obscurece as ideias que veicula e defende. Muito pelo contrário. Afinal, os sábios são aqueles que, mesmo dizendo coisas profundas e desfrutando de um mundo interior de uma exclusividade quase impenetrável, são de uma simplicidade desarmante. Intelectual e comunicativa.

A heterodoxia, espécie de contramétodo, tem sido, desde a década de 1940, uma via alternativa para muitas orientações críticas (existencialismo, fenomenologia, estruturalismo etc.) do pensamento ocidental. Heterodoxia é justamente o nome escolhido por Eduardo Lourenço para o título de seu livro inaugural, em 1949. Nele, o leitor se vê impelido a efetuar desvios e a transitar por diversos campos do saber — filosófico, político, literário, artístico e histórico —, num movimento que caracteriza exemplar-

mente o pensamento do crítico. Segundo a sua perspectiva, por que hoje esse gesto atesta uma força crítica ainda relevante para o presente?

Este é o tempo de todas as disrupções e derivas. Bauman decidiu denominá-lo de modernidade líquida, procurando traduzir o carácter acelerado, instável, difuso, efêmero do nosso quotidiano e mesmo das coisas em que idealmente nos tentamos fixar. Daí a precariedade, a complexidade e o caudal de incertezas e angústias que povoam a nossa existência e o nosso imaginário. E o medo do devir, cada vez mais desconcertante e frenético. Por outro lado, a angústia ou a volúpia que nos assalta impõem-nos um imperativo ético e epistemológico de nos (re)(im)pensarmos e posicionarmos como humanidade, face a todas as ameaças e a todos os desconcertos. Sobretudo, na nossa relação com este admirável e inquietante mundo novo, onde as tecnologias, ou os que estão por detrás delas, reinam, numa soberania sem limites, raiano a imoralidade. É, pois, nesta tentação de existirmos, como diria Cioran, que a heterodoxia do pensamento de Eduardo Lourenço, na sua dimensão metodológica e simbólica, emerge com uma actualidade e uma acutilância incontornáveis. A realidade, ou o que nos é imposto pelas plataformas digitais, tem tanto de multifacetado como de uma imprevisibilidade extrema. É preciso, afinal, voltar a ousar pensar, resistir e lutar com a força crítica e criativa que Eduardo Lourenço nos legou.

Em que medida a transdisciplinaridade empregada por Lourenço favorece a literatura como um campo privilegiado de exploração e análise da cultura?

Um dos grandes méritos do trabalho de Eduardo Lourenço, muito particularmente em relação à literatura (Camões, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Miguel Torga, Raul Brandão, Fernando Pessoa, Antero de Quental, Vergílio Ferreira, entre outros) é o acervo de reflexões sobre ela, tendo em conta a sua inserção num campo mais vasto, que é o das humanidades, termo que, como sabemos, há muito caiu em desuso, mas que tem, felizmente, dadas as emergências da nossa contemporaneidade, estado a regressar a galope. E é, pois, a abordagem inter e transdisciplinar cultivada, de forma sistemática por Eduardo Lourenço, que, por um lado, nos permite ampliar e aprofundar o alcance do texto literário, espaço, por excelência, onde se disseminam e se dramatizam todos os saberes, segundo Barthes. Por outro lado, através desse viés transdisciplinar, emanação, afinal, da sua proverbial heterodoxia, são exploradas as ressonâncias textuais no universo de recepção. E uma das grandes lições que Eduardo Lourenço nos deixa é como ler um texto literário. Isto é, os procedimentos e os impactos da leitura de uma obra literária, sempre plural e diverso, nas suas significações, propostas e ambiguidades e que nos permitem reconhecer a sua utilidade para a elevação da cultura e da própria humanidade. Isto é, trata-se aí de uma das manifestações da exemplaridade da utilidade do inútil, expressão superiormente cunhada por Nuccio Ordine.

Como se sabe, Eduardo Lourenço teve uma breve, mas marcante, passagem pelo Brasil no final da década de 1950. Esse episódio foi determinante (e matricial) para a construção de sua ousada crítica ao colonialismo português na África, inclusive pelo conhecimento do pensamento de alguns intérpretes do Brasil (cf. por exemplo, Gilberto Freyre) Na sua opinião, o que merece ser resgatado desse momento?

Uma, entre várias, das mais categóricas e emblemáticas afirmações de Eduardo Lourenço sobre o colonialismo, sempre fiel à sua própria heterodoxia, encontra-se no seu inequívoco posicionamento em relação ao colonialismo português que, para ele, tinha sido “a mais retrógrada, a

mais implacável, a mais sofisticada, a mais imbecil de todas as formas de colonialismo conhecidas hoje” (ver Eduardo Lourenço, *Do colonialismo como nosso impensado*, 2014, p. 32). Trata-se, aqui, de recusar todas as mitificações e mistificações à volta do colonialismo português, por muitos, em Portugal, considerado, ainda hoje, como tendo sido diferente, brando, fraterno, multirracial e exemplar. Tal é também o caso de Gilberto Freyre, que se deu ao trabalho de sistematizar e fazer apologia dessa mesma mitificação. Além de inspiradoras, as reflexões que Eduardo Lourenço desenvolveria sobre este tema, muito particularmente quando questiona a dissociação entre ser português e ser ou ter sido colonizador, acabariam por contribuir para o aprofundamento da reflexão identitária não só em Portugal, mas também nas antigas colónias. Isto é, a colonização foi uma armadilha histórica em que uns e outros mergulharam, mas que com o tempo adquiriu contornos estruturantes e desafiadores. Além da irreverência que lhe era característica, o pensamento de Eduardo Lourenço, neste particular, contribui para adensar a dimensão ética e desapaixonada que a reflexão sobre si próprio e sobre outros deve convocar.

Poderia nos contar qual é o seu livro predileto na vasta bibliografia desse pensador e quais as motivações por trás dessa escolha particular?

É sempre muito difícil destacar uma obra, num percurso tão profícuo, tão edificante e, sobretudo, tão multifacetado como o de Eduardo Lourenço. Mesmo assim, não posso deixar de sublinhar, sobretudo pelo impacto que tiveram no meu trabalho académico, *Situação africana* e *a Consciência nacional*, por um lado, e *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*, por outro. Com arrojo e clarividência, Eduardo Lourenço levanta aí questões, de forma inovadora, que nos remetem invariavelmente para o colonialismo português, esse impensado que permanentemente nos desafia, e que ainda é um incómodo quer para o antigo colonizador quer para o antigo colonizado. Hoje, à luz das flutuações do mundo actual, em que o fosso entre quem colonizou e quem foi colonizado se alarga e aprofunda, em que a Europa, sobretudo, se tornou no destino de um movimento migratório massivo e desconcertante, as questões e o enfoque explorados por este insigne pensador adquirem uma relevância extraordinária.

Portugal: Guilherme d'Oliveira Martins

Intellectual poliédrico e sensível, Guilherme d'Oliveira Martins vem desenvolvendo, graças a uma intensa intervenção crítica e analítica sobre a cultura portuguesa como um campo orgânico de pensamento e ação, uma obra sistemática de registro crítico e reflexão, que torna seu pensamento um testemunho vivo dos debates de ideias que circulam pelo país.

Natural de Lisboa (1952), após os estudos em Direito, iniciou a carreira como funcionário público em ministérios da área económica. Desenvolveu também uma intensa atividade política. Deputado na Assembleia da República por várias legislaturas, exerceu importantes funções públicas no âmbito governamental: foi nomeado ministro da Educação, depois ministro da Presidência e, por fim, ministro das Finanças. Presidente do Tribunal de Contas por uma década, é atualmente membro executivo do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian.

Paralelamente à atuação institucional, Guilherme d'Oliveira Martins lecionou em diversas instituições de ensino superior – na Universidade de Lisboa, na Universidade Internacional e na Universidade Lusófona –, em uma combinação bem articulada de crítica cul-

tural e compromisso com o campo da educação, que o aproxima da herança do humanismo crítico e racionalista de António Sérgio. Desempenha um papel relevante na promoção e coordenação de atividades de alcance nacional e internacional no Centro Nacional de Cultura e na Fundação Gulbenkian.

Entre os valores centrais de seu pensamento, destacam-se o universalismo na definição da ideia de cultura – que, mesmo valorizando os núcleos identitários e linguísticos, reconhece neles pontos de diálogo com outros contextos culturais –, a centralidade da ideia de Europa, o papel fundamental da educação no desenvolvimento humano, e a reconfiguração do patrimônio cultural como um campo propício à reinvenção das tradições a partir de uma visão inovadora.

O pensamento de Oliveira Martins aprofunda e atualiza uma linha do pensamento crítico português que tem em António Sérgio e Eduardo Lourenço os precursores de um novo idealismo voltado à reflexão sobre Portugal, a Europa e o mundo. Entre os livros publicados, em uma obra extensa, destacam-se: *Portugal. Identidade e diferença* (2007), *Patrimônio cultural. Realidade viva* (2020) e *A cultura como enigma* (2023).

Como definiria, em palavras ou imagens, o pensamento de Eduardo Lourenço?

Eduardo Lourenço foi um cultor insaciável do diálogo crítico. Para o ensaísta, a cultura é um apelo permanente à compreensão do que muda e do que se mantém, com atenção especial ao movimento.

A heterodoxia, espécie de contramétodo, tem sido, desde a década de 1940, uma via alternativa para muitas orientações críticas (existencialismo, fenomenologia, estruturalismo etc.) do pensamento ocidental. Heterodoxia é justamente o nome escolhido por Eduardo Lourenço para o título de seu livro inaugural, em 1949. Nele, o leitor se vê impelido a efetuar desvios e a transitar por diversos campos do saber – filosófico, político, literário, artístico e histórico –, num movimento que caracteriza exemplarmente o pensamento do crítico. Segundo a sua perspectiva, por que hoje esse gesto atesta uma força crítica ainda relevante para o presente?

A diversidade de perspectivas leva Eduardo Lourenço à compreensão da complexidade, de um modo pioneiro e sistemático. Não há explicações únicas nem explicações unívocas. Daí a importância da abordagem dialógica da cultura. Heterodoxia é por definição plural, obrigando a olhar a realidade em diversas perspectivas – do direito e do avesso, singular e plural. O diálogo crítico centra-se no encontro da fenomenologia e dos existencialismos, centrados na coexistência da angústia e da esperança e na incomensurabilidade dos valores éticos.

Em que medida a transdisciplinaridade empregada por Lourenço favorece a literatura como um campo privilegiado de exploração e análise da cultura?

Mais do que multidisciplinaridade, o que encontramos no pensamento de Eduardo Lourenço é a capacidade de manter a coerência transpondo as fronteiras entre ramos diferentes do conhecimento e entre diferentes modos de conceber e de praticar a Arte. Para o ensaísta, a obra de arte e designadamente a criação poética ou romanesca, a música ou a pintura, ganham pleno sentido através da partilha de experiências e aprendizagens.

Como se sabe, Eduardo Lourenço teve uma breve, mas marcante, passagem pelo Brasil no final da década de 1950. Esse episódio foi determinante (e matricial) para a construção de sua ousada crítica

ao colonialismo português na África, inclusive pelo conhecimento do pensamento de alguns intérpretes do Brasil (cf. por exemplo, Gilberto Freyre) Na sua opinião, o que merece ser resgatado desse momento?

Num volume belíssimo, o IV das *Obras completas* da Fundação Gulbenkian, coordenado por Maria de Lourdes Soares, fala-se de uma decisiva experiência de um ano. Assim foi de facto. Melhor que tudo é ouvir o próprio: “Conhecer o Brasil, celebrá-lo, integrá-lo na odisseia de que é feito o nosso destino não é passadismo, nem suspeito reflexo de neocolonialismo cultural. O Brasil é um país adulto, com dois séculos de independência e meio milénio de existência autónoma e original, sem falar do enraizamento da sua cultura índia”. Foi essa diversidade que sempre entusiasmou Eduardo Lourenço, leitor atento de Sérgio Buarque de Holanda nas suas *Raízes do Brasil*.

Poderia nos contar qual é o seu livro predileto na vasta bibliografia desse pensador e quais as motivações por trás dessa escolha particular?

Naturalmente que escolho, antes do mais, *Heterodoxia* 1 e 2, pois define o essencial do pensamento do filósofo. Acrescento ainda: *Pessoa revisitado*, *O labirinto da saudade* e *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*—modos de concretizar um pensamento muito rico e multifacetado.

Brasil: Eduardo Sterzi

Eduardo Sterzi é poeta, ensaísta, crítico literário e professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sua trajetória de pesquisa distingue-se por uma abordagem filológica da imagem literária, compreendida como uma via alternativa para leituras renovadoras da historiografia literária.

Em seus trabalhos mais recentes, tem se dedicado à investigação do Modernismo, especialmente da Semana de Arte Moderna de 1922 e de seus desdobramentos no presente, refletindo sobre as formas pelas quais esse marco simbólico continua a moldar a cultura brasileira contemporânea.

Sterzi é autor de obras de referência na crítica literária, entre as quais se destacam: *Por que ler Dante* (São Paulo: Globo, 2008), *A prova dos nove: alguma poesia moderna e a tarefa da alegria* (São Paulo: Lumme, 2008) e *Saudades do mundo* (São Paulo: Todavia, 2022).

Atuou como editor das revistas *Cacto* (dedicada à poesia) e *K – jornal de crítica*. Sua produção autoral também inclui os livros *Prosa* (2001) e *O aleijão* (2009); o volume teatral *Cavalo sopa martelo. Teatro político* (São Paulo: Dobra, 2011); além de ensaios como *Drummond e a poética da interrupção*, publicado em *Drummond revisitado* (Universidade São Marcos, org. Reynaldo Damazio), e *O mito dissoluto*, presente no terceiro número da *Rivista di studi portoghesi e brasiliani*. É também organizador do volume *Do céu do futuro: cinco ensaios sobre Augusto de Campos* (São Paulo: Marco, 2006).

Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), iniciou sua carreira profissional no jornal *Zero hora*. É mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com dissertação dedicada à obra de Murilo Mendes, e doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, onde defendeu

tese sobre a *Vita nova*, de Dante Alighieri. Em 2009, realizou estudos e pesquisas em crítica literária em Roma, aprofundando-se na língua e na cultura italianas.

Como definiria, em palavras ou imagens, o pensamento de Eduardo Lourenço?

Eduardo Lourenço assumiu desde cedo um compromisso com o pensamento não como coisa pensada, mas como matéria pensante. Encontramos na sua obra uma verdadeira “arte do pensamento” (como já a definiu Roberto Vecchi), com a inevitável componente romântico-moderna subjacente a essa noção de arte (mas também à filosofia correspondente), que fica materialmente explícita na proliferação de textos inacabados e também inéditos depois reunidos na edição de suas obras completas. O que temos aí são testemunhos de uma pulsão incessante de pensar que, exatamente porque incessante, desestabiliza-se com frequência e vai cambiando não só de um motivo a outro, mas também de uma perspectiva a outra. E se falo em pulsão é porque a ação de pensar dá a impressão de ser, em Eduardo Lourenço, não apenas da ordem da mente, mas, antes da ordem do corpo, quase como uma urgência física ou mesmo fisiológica. É como se a própria vida, para Lourenço, devesse coincidir integralmente com o pensamento, o que faz com que a identificação de sua obra, restritivamente, com a crítica ou com a filosofia seja problemática, já que uma e outra exigem, como seu momento originário, um corte entre o pensamento e a vida que aqui parece não haver. Ausência de corte ou interrupção que, por outro lado, ou noutro patamar, se verifica entre o que poderia ser restritivamente crítica ou o que poderia ser restritivamente filosofia em sua obra, produzindo uma crítica decisivamente filosófica que, num gesto deliberado e radical, parece pôr entre parênteses o teor filológico que caracteriza a melhor crítica do século XX (e não menos a sua melhor filosofia – em Walter Benjamin, em Ernst Robert Curtius, em Erich Auerbach, em Gianfranco Contini, em Pier Paolo Pasolini, em Jacques Derrida, em Paul de Man, em Giorgio Agamben), afastando sua obra do modelo do comentário textual – não por acaso, há nela poucas citações, *stricto sensu*, de textos alheios – em benefício das sínteses fulgurantes que só podem existir como saltos com relação aos pormenores dos textos em questão. O mais espantoso é que essa distância, com relação à perspectiva filológica e à materialidade dos textos estudados – ou, mais exatamente, *pensados* (isto é, vividos ou revividos em seu próprio pensamento) – não torne menos precisas as observações de Lourenço.

A heterodoxia, espécie de contramétodo, tem sido, desde a década de 1940, uma via alternativa para muitas orientações críticas (existencialismo, fenomenologia, estruturalismo etc.) do pensamento ocidental. Heterodoxia é justamente o nome escolhido por Eduardo Lourenço para o título de seu livro inaugural, em 1949. Nele, o leitor se vê impelido a efetuar desvios e a transitar por diversos campos do saber – filosófico, político, literário, artístico e histórico –, num movimento que caracteriza exemplarmente o pensamento do crítico. Segundo a sua perspectiva, por que hoje esse gesto atesta uma força crítica ainda relevante para o presente?

Porque, no intervalo entre o tempo de vida e pensamento de Eduardo Lourenço, a realidade a ser pensada não se tornou menos complexa, mas, pelo contrário, ainda mais complexa, insuportavelmente complexa por vezes, maravilhosamente complexa outras vezes – ainda que o pensamento sobre essa realidade (ou essas realidades, já que são elas, antes do que as perspectivas lançadas sobre elas, plurais: mundos irreduzíveis coexistindo num mesmo mundo total) se tenha feito muitas vezes, este sim, talvez menos complexo do que ao tempo de

Lourenço. Este é um efeito, no âmbito universitário, das exigências crescentes de uma especialização sempre um tanto fajuta (por exemplo, em todas as avaliações de programas de pós-graduação) por baixo dos belos discursos sobre multi ou transdisciplinaridade, mas não só: o mundo mesmo, ficou mais orgulhoso de sua ignorância e mesmo de sua obtusidade – e, consequentemente, os espaços de pensamento, ou, melhor dito, de verdadeiro pensamento, isto é, de pensamento não redutível a opinião ou a propaganda, se tornaram mais raros. Por isso mesmo, nada é mais atual, no sentido de uma urgência do presente, do que uma forma de pensamento, a heterodoxia, que se oferece ao mesmo tempo como alternativa à ortodoxia e ao niilismo, sem fazer *tabula rasa* de ambos. É mesmo o contrário de uma *tabula rasa* o que encontramos na obra de Lourenço desde o seu livro inaugural. No prólogo mesmo do primeiro volume, há uma frase que, dentre todas ali, poderia ser vista talvez como a de menor brilho, mas que condensa como poucas a singularidade do conjunto de sua obra: “Contudo, as coisas não são assim tão simples”. Eduardo Lourenço nos anima a não recuarmos ou desviarmos diante do imperativo da complexidade, que inclui a crítica de nossas próprias posições e angulações, mesmo diante de um mundo que insiste em se apresentar como *simples* no pior sentido da palavra, justamente quando mais complexo se torna – por exemplo, com a adesão popular crescente ao fascismo em tantos países e a consequente chegada de alguns seres abomináveis ao poder; ou ainda com a redução brutal das perspectivas de futuro pela crise ambiental e climática em acirramento. Já sabemos de antemão o que pensar de tudo isso – e, *no entanto, é preciso continuar a pensar, pensar mais e sobretudo pensar heterodoxamente.*

Em que medida a transdisciplinaridade empregada por Lourenço favorece a literatura como um campo privilegiado de exploração e análise da cultura?

Não sei se se pode falar da literatura como “um campo privilegiado de exploração e análise da cultura”. Vale lembrar que o próprio Eduardo Lourenço se detém sobre outras artes (a música, o cinema, a pintura etc. – abrangência que as obras completas só deixaram mais evidente) e outras esferas discursivas (a começar pela filosofia) e culturais, se não na mesma extensão, com intensidade semelhante àquela dedicada à literatura. O que talvez se faça cada vez mais necessário, para quem estuda literatura, não digo que a partir de Lourenço, mas certamente tendo seu exemplo sempre em vista, seja perceber que, mais do que as especificidades do literário (e, ao mesmo tempo, sem negar estas), o que está em questão hoje, se quisermos avançar na discussão dos próprios textos literários do passado e do presente, são os pontos de contato e contágio com outras artes e discursos. A própria literatura, a partir do discernimento, por exemplo, dos lugares que a imagem ou a voz ocupam nela, revela-se como produção intrinsecamente inter ou trans-semiótica, inter ou trans-midiática, inter ou trans-artística. E é, justamente nessa dimensão constitutivamente transitiva, forma de linguagem e de pensamento – e de extrapolação da linguagem e do pensamento – a exigir repensamento crítico condizente com essa complexidade que a institui.

Como se sabe, Eduardo Lourenço teve uma breve, mas marcante, passagem pelo Brasil no final da década de 1950. Esse episódio foi determinante (e matricial) para a construção de sua ousada crítica

ao colonialismo português na África, inclusive pelo conhecimento do pensamento de alguns intérpretes do Brasil (cf. por exemplo, Gilberto Freyre) Na sua opinião, o que merece ser resgatado desse momento?

De todos os muitos pontos que merecem ser resgatados do breve mas, por isso mesmo, intenso momento (mais do que brasileiro, baiano) de Eduardo Lourenço, eu destacaria seu assombro inicial diante de um quadro cultural que ele, de início, parece não ter como absorver, um assombro que realmente o tira de seu lugar de pensamento mais ou menos estabelecido, e sublinharia também, sobretudo, o modo como ele, a partir desse assombro e lutando contra seus próprios preconceitos, assumidos como tais, de crítico europeu deslocado para um território a vários títulos desconcertante, acaba, num esforço que se estenderia por décadas, elaborando uma compreensão singular – e dinâmica – da literatura e da cultura do Brasil que deveria ser bem mais conhecida do que é pelos próprios brasileiros; uma compreensão que, para mim, é rica de sugestões mesmo nos pontos com que ela não concordo (até porque *concordar*, tantas vezes, é o verbo indicativo do fim da interlocução – da capacidade de tornar a palavra do autor viva, mesmo depois depois de sua morte – e do pensamento).

Poderia nos contar qual é o seu livro predileto na vasta bibliografia desse pensador e quais as motivações por trás dessa escolha particular?

A indicação de qualquer livro de Eduardo Lourenço como predileto trai, em alguma medida, o caráter marcadamente amplo de sua contribuição, que, acredito, deve ser conhecida e absorvida nessa amplitude mesma. Parece-me evidente, porém, que o cerne da interpretação singular que Eduardo Lourenço nos oferece da cultura de Portugal, talvez sua contribuição maior, encontra-se em *O labirinto da saudade* – o subtítulo da obra deixa clara sua originalidade, ao propor uma *Psicanálise mítica do destino português*. No entanto, sou especialmente afeiçoado a um livro que, dentro da vasta obra de Lourenço, talvez possa parecer menor – refiro-me a *O canto do signo: existência e literatura (1957-1993)*. É um livro que, como poucos escritos em português, seja numa margem ou noutra do Atlântico, nos coloca de forma também original dentro de um debate (candente no seu momento, aquele da passagem do estruturalismo ao pós-estruturalismo, quando se teve, com intensidade depois perdida, a consciência dessa vida outra inerente aos signos e da sua incidência não linear sobre a vida, digamos, propriamente dita), que hoje parece pacificado, ou mais exatamente sufocado, justo quando ele talvez se fizesse mais urgente, e que diz respeito, antes de tudo, à ontologia da literatura e da crítica literária, representada por Lourenço como uma espécie de dupla tragédia do signo (*A morte do signo* foi o primeiro título, mais explícito, pensado pelo autor). Nesse livro, fica explícita a necessária – e trágica – consciência, expressa pelo próprio Eduardo Lourenço em plano teórico, de que “A crítica é sempre a produção de um discurso acerca da obra que por essência a *deixa de fora*”; ela pode mesmo ser definida, radicalmente, como “o fatal *processo através do qual a obra é perdida de vista*”. Tal proposição se esclarece se admitimos que “a essência do projecto crítico” consiste em “nos dar a verdade da obra”, com a ressalva de que esta verdade “está na obra mesma, e um discurso que parte de um princípio oposto só pode afastar-se indefinidamente dela”. Daí Eduardo Lourenço poder dizer ainda que “o verdadeiro crítico é aquele que não compreende a obra e antevê (um pouco) as razões porque não pode compreendê-la”. Voltamos, neste ponto, à minha primeira resposta: o crítico aparece aí como uma espécie de herói trágico do pensamento da literatura, justamente porque é aquele que lê a partir da consciência dos seus próprios limites, do quanto há de incompreensão no cerne de toda compreensão, e mesmo do quanto há de não leitura no ato mesmo da leitura (afinal, é preciso ultrapassar a leitura, transgredir o limite do signo, para pensar).